

A MISSÃO E O NEOCOLONIALISMO: uma crítica indígena à missão colonial

Bartomeu Meliá *

A relação entre missão e colonialismo e suas conexões negativas não é simplesmente uma questão atual que surgiu na medida em que o sistema colonial caiu em descrédito nos últimos tempos. Tampouco surge por exemplo, de uma análise marxista que revela criticamente as conexões entre prática missionária e prática colonial.

São os próprios missionários - pelo menos alguns deles - quem nos primórdios da colônia na América Latina, já viveram o problema de uma maneira angustiada, o expuseram em termos bastante duros e procuraram levar à prática experiências mais ou menos utópicas (por exemplo, as Reduções jesuíticas do Paraguai); tudo isso para mostrar que a missão não deve se confundir com o sistema colonial e muito menos com os seus "pecados". Mas, de um modo geral se pode dizer que não lograram distanciar-se do sistema colonial como tal, e até consideraram que uma "boa colônia" podia ser uma excelente aliada do progresso do cristianismo.

Aqueles que melhor analisaram a relação entre missão e colonialismo foram os próprios indígenas, sobretudo os seus líderes religiosos, os xamãs. Como exemplo veja-se este discurso de um Guarani, quando os jesuítas iniciavam a "entrada" em suas terras, lá pelo ano de 1628. O discurso está dirigido ao chefe Nhierú, que inicialmente tinha recebido favoravelmente a presença dos missionários.

"Não temes que estes que se chamam Padres dissimulem com este título sua ambição e façam, logo escravos vis dos que chamam agora filhos quendos? Porventura faltam exemplos no Paraguai de quem são os espanhóis, dos estragos que fizeram a nós, cevando-se mais neles do que em sua utilidade? Pois nem a sua soberba corrigiu nossa humildade, nem a sua ambição nossa obediência: porque igualmente esta nação procura sua riqueza e as misérrimas alheias".

Devo dizer que esta é uma das melhores análises que conheço sobre o sistema colonial, análise não muito superada pelos modernos analistas sócio-políticos.

Os jesuítas quiseram considerar estas palavras como disparates, já que certamente a intenção deles, ao fazer a missão, não era de maneira nenhuma fazer escravos nem aproveitar-se das riquezas dos indígenas a custa de suas misérrimas. Contudo, há que se reconhecer que o processo histórico deu razão ao Guarani, já que os próprios jesuítas sucumbiram vítimas do sistema colonial.

Sobre isso quero fazer uma reflexão. As vezes se diz que não se podia exigir dos missionários uma análise "moderna" do sistema colonial, porque isso seria anacrônico. Contudo, se vê que um Guarani daqueles tempos era muito capaz de fazer uma análise deste tipo. Parece que bastaria ao missionário levar a sério o ponto de vista do índio para compreender algo do que estava acontecendo.

COLONIALISMO E NEOCOLONIALISMO

Coincidindo com a definição que dava o Guarani Potyráva, o colonialismo se pode definir também como sistema e forma estruturada de domínio de um povo sobre outro povo, mediante o qual o processo - e o progresso - do colonizado fica condicionado ao sistema do dominador. Neste sistema a dependência não é somente uma etapa, da qual se poderia sair depois de um tempo, mas que tende a perpetuar-se uma vez que é forma essencial do próprio sistema colonial.

Isto é o que aconteceu na América Latina. É característico do sistema colonial procurar uma forte justificação ideológica de sua ação. "O direito de conquista e domínio que se arroga um povo sobre outro, sempre tratou de justificar-se pela incapacidade e inferioridade do povo dominado. A história está cheia de povos poderosos e prepotentes que buscaram deste modo o cumprimento de seu destino. É isto tanto na ordem político-econômica como no campo da religião". (1)

Colonialismo é um ato de dominação de um povo sobre outro povo; dois tipos de ações econômicas se desenvolvem no processo colonial: apropriação das chamadas riquezas naturais da área colonizada, e apropriação do trabalho da população colonizada, na medida em que esta é aproveitável produtivamente (às vezes ela é substituída por outra força de trabalho mais rentável: escravos negros ou tecnologia avançada, segundo as épocas). No sistema colonial, uma massa importante da população é sempre de escravos reais ou em potencial. Em uma primeira etapa, estes escravos costumam ser os indígenas, mas, se ocorre seu desaparecimento, são substituídos, seja trazendo novos escravos de fora ou reduzindo uma parte da população a condições de escravidão.

O neocolonialismo continua o mesmo processo, mas com algumas variantes.

Sendo que quase todos os países alcançavam a independência política com relação às antigas metrópoles, o domínio colonial se faz agora através de sociedades econômicas ligadas a elites estrangeiras ou nacionais que jogam o mesmo papel. O aparente progresso de alguns centros urbanos da América Latina não pode ocultar o terrível decréscimo na qualidade de vida, que se nota nas próprias cidades e no interior desses países.

* O pe. Meliá, jesuíta, trabalhou com os Guaranis, no Paraguai, de onde foi expulso, por sua posição em defesa da causa indígena. Atualmente vive com os índios Sabana-MT e é autor de várias obras sobre educação indígena.



O neocolonialismo introduz tecnologias relativamente avançadas que permitem manipular ainda mais a mão-de-obra humana, dando lugar a dramáticas situações de desemprego, e conseqüente desnutrição, enfermidades e marginalização social. Em algumas áreas não se trata agora de colonizar para conseguir escravos, mas eliminar as populações existentes, consideradas economicamente pouco produtivas, mas que com sua presença impedem a apropriação dos recursos naturais da zona.

Uma das conseqüências do modo de produção instaurado pelo neocolonialismo é a alarmante situação ecológica criada, mesmo em países e em zonas que pareciam inesgotáveis.

Eu daria também como característica do neocolonialismo, que sua ideologia é mais "secular" e individualista que a da antiga colônia, a qual juridicamente em talvez mais humana e que socialmente permitiu a eclosão de formas de vida religiosa e cultural mais aceitáveis que as atuais.

O que foi dito até agora não é uma análise completa do neocolonialismo, mas uma aproximação visando situá-lo na missão atual.

A MISSÃO EM SITUAÇÕES DE NEOCOLONIALISMO

Os missionários seriam os primeiros a surpreender-se de que se lhes situem no neocolonialismo. Suas atividades se reduzem a pequenas rotinas diárias, sobretudo de caráter assistencial, as quais inclusive exigem muito sacrifício e entrega pessoal. E certamente não o fazem para servir ao "neocolonialismo".

Mas de fato é um dos mecanismos do neocolonialismo contar com grupos significativos de agentes ingênuos, que foram ideologizados previamente. Entre eles estão os missionários.

A nível ideológico, muitos missionários estão dentro do neocolonialismo porque atuam e vivem idéias deste tipo. Enumeramos algumas:

• Os índios já não são nações. E em conseqüência sua cultura, sua economia, seus próprios valores comunitários sua religião, a posse de suas terras, é inviável. Os povos indígenas, para muitos missionários, são apenas grupos marginalizados, numa etapa de subdesenvolvimento, aos quais se tem que preparar para a assimilação, a integração, ou outro tipo de desintegração na sociedade nacional civilizada.

• A economia das sociedades latinoamericanas, embora discutível etnicamente, é a única saída para esses grupos indígenas. O chamado "progresso" é inevitável, e também as economias indígenas, apesar de que mostram um maior equilíbrio na produção e distribuição dos produtos, estão condenadas a desaparecer...

• As diferenças étnicas e culturais, especialmente às que se traduzem em línguas específicas e modos de ser particulares, são obstáculos para um futuro e um destino realmente humanos.

A ideologia neocolonial, poucas vezes conceituada como tal pelos missionários, que inclusive a consideram uma questão "política" na qual não estão chamados a intervir, se expressa a nível de atividades, das quais enumeramos as seguintes, com mais significativas:

• Estabelecimento de sistemas de escolarização unicamente ocidentais, que pretendem substituir a educação indígena (que, além disso, se considera inexistente), e que pretende introduzir outra língua, a nacional, considerada "superior".

• Implantação de um sistema de medicina ocidental, com aplicação de medicamentos importados (e geralmente

provenientes de doações indiscriminadas), com o que, se se conseguem alguns efeitos saudáveis em certos casos, geralmente se instaura uma grande perda e esquecimento dos próprios recursos indígenas e uma grande dependência dos medicamentos externos, que um dia não serão mais doados, mas terão que ser comprados a um alto preço.

• Introdução de economias de mercado, que coisificam a produção e a mão-de-obra. Há missões que para viabilizar seus projetos econômicos chegam a converter aos índios em quase escravos da própria missão (ainda que teoricamente tais projetos se fazem para "desenvolver" economicamente aos índios).

Destas e outras atividades nasce uma situação que de fato prepara a entrada do neocolonialismo.

Muitas missões têm que ver um dia, com impotência, que o que eles criaram para ajudar ao índio, nada mais fez do que preparar a invasão de populações neocoloniais que chegam a expulsar aos índios, seja eliminando-os, seja reduzindo-os a classes marginais. Paradoxos da história: cidades que nasceram como missões, transformadas em centros de poder colonial, não precisam mais dos missionários e chegam a expulsá-los.

MISSÃO NÃO COLONIAL

São muitos os que pensam que as missões cristãs são essencialmente incapazes de separar-se dos contextos coloniais em que nasceram e se desenvolveram. Os ataques às missões se repetem com frequência nas reuniões de indígenas e de cientistas sociais e historiadores.

De fato o mais sério nestas críticas é a voz dos índios: que, chegando à consciência de povos que são, exigem cada vez mais o respeito para com suas próprias nações. Muitos missionários atualmente se "convertem" às agências indígenas, distanciando-se assim de fato dos compromissos coloniais. Isto eles conseguem não tanto com discursos e teorias, quanto com uma nova prática de missão, que se deixa evangelizar pela "boa nova" das sociedades indígenas, nas quais a experiência do sagrado e da comunidade opera como um pré-evangelho para o próprio missionário.

Estas novas missões parecem na realidade mais evangélicas e até seriam uma renovação para um cristianismo tão tentado ao secularismo.

Não é de estranhar que neste novo contexto o problema das terras ganhe especial relevância, já que a terra é o lugar onde se vai desenvolver a autonomia indígena frente aos ataques neocoloniais.

Toma-se também a defesa da língua e da cultura e inclusive da religião indígena.

Também se toma consciência do vício histórico em que caíram muitas missões (exceto ações particulares de missionários).

Este novo missionário não se sente necessariamente executor de "programas" e "projetos" econômicos, culturais e religiosos, mas portador de uma missão que deve ser vivida em um diálogo de pessoas, e de nenhum modo doutrinação para gente "inferior".

Parece que aí haveria uma nova prática de missão, que não é uma nova tática, mas simplesmente a missão de Jesus Cristo.